

# A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 \* ANO XXIV - N.º 451 - Melgaço, 15 de Junho de 1970 \* Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telef. 22455 - Braga

## A Pesca no Rio Minho

Por me ter sido pedido, é com o maior prazer que faço referência à pesca neste nosso tão afamado Rio Minho, que devido às águas puríssimas que o alimentam, é considerado um dos melhores da Europa, sendo o primeiro da nação portuguesa...

Quem o conheceu há cerca de 50 anos, e quem o conhece hoje... Urge o dever de todos unidos, em especial aqueles que têm o máximo interesse no aumento das produções das espécies, se esforcem junto das entidades internacionais para que estas se empenhem com o maior interesse junto dos respectivos Governos, para que tomem as necessárias providências de forma a que o Rio Minho volte a ser o que outrora foi.

Tais medidas são urgentes e benéficas para a defesa das riquezas piscícolas de ambos os países, visto que neste Rio abundavam as valiosas espécies de salmões, trutas, sáveis, lampreias e outras.

De há anos para cá que se vem notando uma grande diminuição das mencionadas espécies. Razões: O assoreamento da barra, em Caminha; a construção, na parte de Espanha, de várias barragens, as quais, não dispendo de reguladores e rampas de acesso para a saída das águas e entrada do peixe para as albufeiras, alteram constantemente o curso normal das águas, visto, por vezes, serem demais e outras de menos, dando origem ao rio ficar quase seco. Acontece também que as espécies, que nas épocas próprias desabrocham, fiquem

## Pelo Lar de S. José

Há dias, mão amiga e anónima, enviou-nos para o nosso hospital e Asilo, 50\$00 e, por portador sabemos que nos vem pelo correio, uma lembrança, mais uma, da Senhora D. Estefânea Viana Gomes Esteves, de S. Gregório, no valor de trezentos contos, moeda brasileira, para os nossos velhinhos do Lar de S. José. Não podemos hoje, por falta de espaço, dar mais novas, o que faremos proximamente. Deus nos ajude a todos e aos amigos das nossas casa de caridade. Deus lhes pague. O que aqui todos poderíamos fazer, se todos os melgacenses nos conhecessem.

A todos pois o nosso muito obrigado.

Padre Carlos

espalhadas junto das margens e ali se perdem pela acção do sol, servindo de alimento às aves bravias!

Tem sido espalhada por pescadores desportivos, que são um dos principais factores da diminuição das espécies, devido também às construções fixas (pesqueiras) existentes nas duas margens!... É de lamentar tal propaganda.

As referidas construções são antiquíssimas, pois existem antes do tratado de limites entre Portugal e Espanha. Não vão decorridos muitos anos que as saborosas espécies afluíam aqui em elevado número.

Nos últimos anos tem-se feito, junto da costa, o uso de redes de arrasto, o que, certamente, será também um dos grandes factores que contribui para motivo da diminuição das mesmas espécies.

(Continua na 4.ª página)

## O parque da Peneda-Gerez

A propósito deste importante problema, o deputado António Lacerda fez a seguinte intervenção no Parlamento, no passado mês de Abril.

Senhor Presidente

A minha intervenção no debate da presente proposta de lei, no ano em que, como já foi sublinhado, se comemora o Ano Europeu da Conservação da Natureza, nada virá ajuntar à economia do problema. Justifica-se sòmente pelo desejo de fazer alguns ligeiros comentários à referida proposta de lei, que na sua expressão prática vai traduzir-se pela criação do primeiro parque nacional português — o parque da Peneda-Gerez.

E a maior parte deste conjunto esplêndido situa-se no distrito de Viana do Castelo, junto à fronteira da vizinha Galiza, abrangendo as serras magníficas da Peneda, Soajo e a Amarela que separa e une o meu querido concelho de Ponte da Barca ao vizinho de

Terras de Bouro, prolongando-se pelo grandioso Gerez.

E nem deveria talvez um homem da Ribeira Lima usar agora da palavra, pois foi um filho ilustre da nossa região, o meu caro condiscípulo prof. Eugénio de Castro Caldas que relatou o parecer da Câmara Corporativa sobre a matéria. E com o seu alto e requintado espírito, com o conhecimento perfeito da região, fê-lo de maneira tão brilhante, tão profunda, tão bela até, na forma como traduz os seus pensamentos, que nada mais haveria a dizer. Excepto talvez esta palavra de merecido louvor, a única que pode justificar esta simples intervenção.

Mas já que a disse e queria que ela fosse a tradução dos meus sentimentos de admiração e estima, embora sem o brilho que a pessoa a que se destina merece, quero fazê-la acompanhar de mais duas ou três singelas e simples palavras que não terão mais mérito do que chamar a atenção para aspectos particulares ligados à futura implantação de parques nacionais em zonas serranas do País.

A primeira será de que nos parece indispensável um enorme e profundo esforço de mentalização das populações para que a protecção à natureza,

em que os povos actuais se inserem, lhes traga o benefício, a promoção humana e social que nós desejamos e a que eles têm direito. O ilustrado relator no parágrafo 5.º do seu parecer põe acentuadamente o dedo na ferida e teme, como eu, que venha a ser dolorosa para muitos a adaptação às novas condições de vida. A passagem de homens livres da montanha, habituados ao contacto com uma natureza rude que forja personalidades de rija tempera, a prestadores

(Continua na 4.ª página)

## O Santo da Quinzena

### S. OTÃO, Bispo

Natural da Suábia, teve Otão pais piedosos que lhe deram uma educação muito sólida. As virtudes, como os grandes talentos, fizeram-no merecer da estima de todos, que com ele viviam.

O imperador Henrique IV nomeou-o capelão de sua Irmã Judit, esposa de Boleslau, duque da Polónia. Durante a estadia na Polónia aprendeu a língua daquele país. Judit morreu e Otão foi pelo imperador chamado ao cargo de secretário e, mais tarde, de chanceler da côrte.

Tendo morrido o Bispo daquela Diocese, Otão foi nomeado

(Continua na 4.ª página)

## Carta de França

Em Paris... com alguns amigos

III

Por CARLOS NUNO

É conhecido e louvado o amor à terra pátria dos nossos emigrantes. Mas vi alguns em que esse amor estava despedaçado por circunstâncias várias que todos, mais ou menos, conhecemos.

Os mesmos emigrantes se aperceberam do muito que tem que progredir o nosso País para que possa oferecer as condições de vida que todos ambicionam.

Encontrei, todo triste, um rapaz do Porto, que em França estava há oito meses. Começou por dizer-me que não podia viver mais em Portugal com o que ganhava, cerca de 2.500\$00. Só de arrendamento da casa pagava 700\$00, mais viagens para o trabalho, mais os descontos, lá iam mais de 10 dias de trabalho só para isto. Tinha 6 filhinhos. Não lhe era possível levar mais avante a vida. Começava a ter algumas dívidas e teve que partir. As marcas de saudade eram bem visíveis, mas é assim a vida.

Mas este rapaz e outros sabiam muito bem raciocinar que há coisas que não estão justas. Por exemplo: o ordenado mínimo dos empregados públicos foi elevado para 1.900\$00, mas houve categorias que subiram desta vez, nada menos que 5.000\$, isto é, subiram eles tanto de ordenado como o ordenado total dum professor do Liceu. Já alguém criticou isto na Assembleia Nacional e, de facto, todos vemos que não está certo.

Todos sabem que hoje o ordenado mínimo, em qualquer dos Países do Mercado Comum, anda pelos 5 contos, mais as garantias sociais de assistência médica, de invalidez, velhice e reforma, etc., etc.

O problema dos nossos emigrantes não se resolve com palavras de elogio para as suas capacidades de trabalho e para o seu amor à terra. O problema não se resolve também com qualquer amnistia. A resolução do problema só pode ir buscar-se numa industrialização bem orientada e planificada do nosso País, integrando na nação toda a riqueza que temos fora. Nem

(Continua na 4.ª página)

## Por Santa Rita

Difícilmente se apagarão os ecos da festa de Santa Rita, tão grande ela foi. O dia foi admirável e já o da véspera de domingo, esteve muito bom.

Um dos grandes problemas daqui é o leilão, pois o tempo não chega e muitas coisas tem de vender-se depois, o que nos contraria bastante, já que desejamos que os ofertantes assistam ao leilão das suas prendas. Também, neste ano, infelizmente não pudemos leiloar tudo.

Foi muito grande, graças a Deus, o número de comunhões, quer no domingo, quer na segunda-feira. E já pela novena, foram quase todos os romeiros que se abeiraram da sagrada Mesa. Quem nos dera que este santuário fosse um verdadeiro santuário eucarístico à roda do ano e na festa. O centro de tudo é Jesus. Tem de ser Ele!

Tem vindo mais ofertas. E

assim: da sr.ª Claudina da Conceição Rodrigues, da P. da Carpinteira, 200\$; duma anónima, 24\$; da sr.ª Alzira de Jesus Soares, de Lobão, 50\$; do sr. Vidal, guarda-fiscal de Portelinha, 20\$; da sr.ª Maria Armanda Rodrigues, de Corções, 10\$; da sr.ª Palmira de Jesus Afonso, da Vila, 10\$; dum anónimo de Rouças que vive na América, 540\$; por intermédio do sr.

(Continua na 4.ª página)

## Cumprimentos

Por motivo do nosso aniversário, S. Ex.ª, Sr. Director Geral da Informação, Dr. Geroldes Cardoso, teve a amabilidade de nos enviar os seus cumprimentos.

Muito gratos pela atenção.

# Várias Notícias da Vila

**Aniversários** — No dia 29, p. p. em ambiente familiar, festejou o seu aniversário natalício, a sr.<sup>a</sup> D. Helena Bastos Rego, esposa do nosso conterrâneo, sr. Alfredo Rodrigues Rego, proprietário.

— Também no passado dia 30, festejou o seu aniversário natalício, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Fátima Horta Rego Ferrão de Carvalho, esposa do sr. Mário Acácio Matos Ferrão de Carvalho (Contabilista), residentes na cidade do Porto.

Com os nossos parabéns, desejamos às aniversariantes, longa vida, augurando-lhe as maiores felicidades.

— No passado dia 10, fez anos a nossa conterrânea, menina Catarina Maria Vilas, filha do sr. Arlindo Augusto Vilas, nosso conterrâneo e estimado assinante e da sr.<sup>a</sup> D. Jósina Cerdeira Vilas. Os pais da genitrice tiveram a gentileza de oferecer um opiparo Copo d'Água a muitos convidados.

À jovem Catarina, desejamos longa vida e os nossos parabéns.

— No passado dia 13, festejou o seu 3.º aniversário natalício, a menina Justina de Fátima Lourenço, filha do nosso estimado assinante, sr. Francisco Lourenço (RANITO) e da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Céu Ferreira, do lugar de SANTE, freguesia de Paderne.

Por tal motivo, seus pais, familiares e padrinhos, sr. Manuel Durães (Guarda Fiscal) e esposa, sr.<sup>a</sup> D. Justina Rodrigues Durães, do lugar do Outeiro, freguesia de S. Paio, desejam à aniversariante que esta data se repita por muitos anos.

**António Pires** — De passagem por esta vila, a caminho de LALIN (Espanha) de visita à sua Esposa, sr.<sup>a</sup> D. Mirandolina Rego Pires, que se encontra internada numa Casa de Saúde daquela localidade, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António Pires, funcionário superior da «RIPAL» em Matosinhos.

Os nossos cumprimentos.

**D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires** — Acompanhada de seu filhinho, menino António Maria Serrano Marques Rego Pires, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires, esposa do nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Manuel Pires, que actualmente se encontra a cumprir a sua missão de soberania em Angola.

Acompanhava também a ilustre senhora, seus pais, sr. José Marques, importante industrial e proprietário em Matosinhos e esposa sr.<sup>a</sup> D. Domingas Serrano Marques.

A todos os nossos cumprimentos.

**Coronel, António Santa Clara Ferreira** — Acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Ermezinda da Costa Cerdeira Santa Clara e sobrinha, menina Maria Luiza Cerdeira, esteve nesta vila, de visita à sua família, o nosso amigo, sr. Coronel, António Santa Clara Ferreira, residentes em Faro (Algarve).

Ao ilustre oficial e Ex.<sup>ma</sup>

família, apresentamos os nossos cumprimentos.

**Casa «Coelho»** — A acreditada Casa «Coelho», Rouças, com o telefone n.º 42193, tem a seu cargo com as suas aparelhagens de som as seguintes festividades: Nos dias 27, 28 e 29 de Junho, Santo André, em S. Paio; nos dias 4, 5 e 6 de Julho, a festa de Cavaleiro-Alvo, S. Paio, e igualmente nestes dias abrilhanta as festividades de Soutomendo, em Fiães; nos dias 16, 17, 18, 19 e 20 de Julho, a aparelhagem n.º 1 abrilhanta a grandiosa festividade em honra de Santa Marinha em Rouças. Podem as comissões de festas contratar com o seu proprietário, sr. Manuel Vicente Coelho.

**Manuel Augusto Lopes** — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Augusto Lopes, escriturário de 1.ª Classe do Tribunal da Comarca de LOURES e que até esta data exercia as mesmas funções em comissão de serviço no Tribunal Judicial de Santo Tirso.

Os nossos cumprimentos.

**Engenheiro António Augusto Pires** — Acompanhado de sua mãe, sr.<sup>a</sup> D. Idalina Correia Pires, nossa estimada assinante, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Augusto Pires, funcionário superior da «SACOR» em Matosinhos e residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

**Dr. Alpidio Gonçalves** — Acompanhado de sua esposa, sr.<sup>a</sup> Professora D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves e filhos, esteve nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Dr. Alpidio Gonçalves, Notário e Sub-Delegado do Procurador da República em Ponte da Barca.

Os nossos cumprimentos.

**Alfredo Cândido de Azevedo Barroso** — Em viagem de negócios, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Alfredo Cândido de Azevedo Barroso, Delegado de Vendas, dos

«Cafés Gama» da cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

**Carlos Casaca Velez** — Acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso amigo e estimado assinante, sr. Carlos Casaca Velez, Dg.<sup>mo</sup> Inspector da Direcção Geral de Segurança, em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**José Alberto Dias** — Em gozo de merecida licença, esteve nesta vila, durante alguns dias, de visita à sua família, o nosso conterrâneo, sr. José Alberto Dias, que actualmente se encontra a cumprir o serviço militar no Quartel do Regimento de Infantaria n.º 2, em Abrantes.

Os nossos cumprimentos.

**Tenente Capelão Rev. P.º Manuel Domingues** — Após ter cumprido a sua missão de soberania, na nossa provincia ultramarina de Angola, regressou há dias, o nosso conterrâneo, sr. Tenente Capelão, Rev. P.º Manuel Domingues, natural de Parada do Monte.

Os nossos cumprimentos e um abraço de boas vindas.

**D. Dalila dos Remédios da Rocha Coelho** — Acompanhada de seu marido, sr. António Coelho, e sua filhinha, menina Maria Fernanda, chegou a esta vila, de visita à sua família, a nossa conterrânea, sr.<sup>a</sup> D. Dalila dos Remédios da Rocha Coelho, residentes em Luanda.

Os nossos cumprimentos.

**Desastre mortal em França** — Faleceu em França há dias, vítima dum acidente mortal, por ter embatido violentamente contra um automóvel, com a sua motorizada, o nosso conterrâneo, sr. Manuel Alves, casado, de 24 anos de idade, natural do lugar da Cabana, freguesia de Rouças.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidos pésames.

**António Fernandes da Cunha** — Após ter passado um mês de merecida licença, junto de sua esposa e filhos, no lugar do Barral, freguesia de S. Paio, partiu por via aérea para a nossa provincia ultramarina de Angola, o nosso

## BANCO FERNANDES MAGALHÃES



SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

**CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO,**

destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Peixera  
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

amigo, sr. António Fernandes da Cunha, que ali se encontra no cumprimento da sua missão de soberania, como 1.º Cabo Enfermeiro.

Desejamos-lhe boa viagem, e feliz regresso.

## Casamento Elegante

Na Igreja Matriz, desta Vila, realizou-se no passado dia 7, com toda a sumptuosidade, o enlace matrimonial do nosso conterrâneo, sr. Valdemar de Castro Cerqueira com a menina Elvira Miranda Ferreira de Castro, natural da cidade do Porto.

Foram padrinhos o sr. Manuel Nunes de Castro, conceituado comerciante desta Vila, e sua esposa, sr. D. Ascensão Rodrigues Nunes de Castro.

No fim do acto, que foi presidido pelo rev. Arcipreste, sr. P.º Justino Domingues, pároco da Vila, o cortejo nupcial dirigiu-se para a casa do noivo, onde foi servido um lauto e bem confeccionado almoço a inúmeros convidados, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Auguramos aos noivos, muitas felicidades e uma perene lua de mel.

## João Baptista Esteves

1.º Cabo da G. N. R.

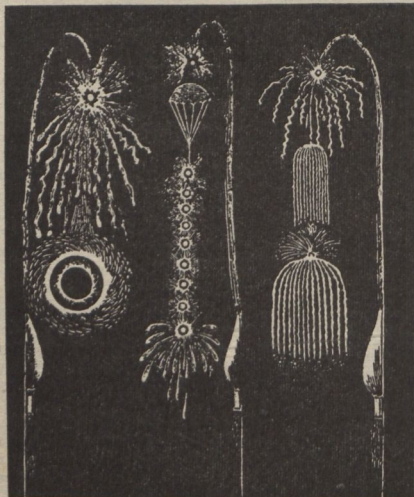
Na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por motivo de o período de tempo não permitir, o sr. João Baptista Esteves, que até esta data comandou o posto de Melgaço, despede-se de todos os melgacenses, por este meio, oferecendo-lhe todos os seus préstimos em Parada (Bragança), para onde actualmente foi exercer as suas funções, no comando posto daquela localidade.

## Novo Comandante do Posto da G. N. R.

Assumiu as funções de comandante do posto da Guarda Nacional Republicana desta Vila, o sr. Alfredo da Costa, 1.º Cabo daquela corporação, que até esta data exercia iguais funções em Parada (Bragança).

Este novo comandante do posto, já é conhecido de alguns melgacenses, desde que comandou durante uma temporada o posto da mesma guarda em Tangil e também pelo conhecimento de seu saudoso pai, sr. Cabo Costa, que comandou

(Continua na 4.ª página)



Fábrica de FOGOS DE ARTIFÍCIO

DE Manuel Correia Gomes da Costa

Descendente da antiga firma de Alberto Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca

MOREIRA — TELEF. 56137

MONÇÃO

Falar ao próprio ou ao Sr. António Reinales, em Melgaço

# Carta de Londres

POR MANUEL ALVES

DE dia para dia, os países vão-se tornando conscientes das exigências crescentes da vida moderna e das consequências, por vezes desastrosas, que elas acarretam. Os governos começam a encarar seriamente certos problemas sociais. Por exemplo, a violência, a desunião familiar, a sobrepopulação e a contaminação das fontes naturais. Mas, coisa curiosa, o problema do alcoolismo, do tabaco e da droga parece permanecer negligente.

O alcoolismo foi considerado na União Soviética como sendo a doença social número um. E as estatísticas são consideráveis. Em 1968, numa zona do Este siberiano, o consumo da «Vodka» elevou-se a 27 litros por pessoa, incluindo homens, mulheres e crianças. E na região de Eskov, o consumo da mesma bebida ascendia até 30 litros por habitante.

Desde há muito, mas em vão, o Governo russo vinha tomando tentativas para diminuir ao máximo o consumo daquela bebida. Mas agora, pela primeira vez, o problema está sendo atacado seriamente e a grande escala. A imprensa, segundo consta, tem levado uma campanha aturada com a publicação pormenorizada sobre os efeitos do alcoolismo, relacionando o alcoolismo com o crime e a perda de empregos. Nos restaurantes o preço das bebidas alcoólicas é três vezes mais elevado do que o da venda a retalho para consumo normal. Nos comércios, as horas em que elas podiam ser vendidas, foram rigorosamente restringidas. Mas tais medidas, não se confinam nem se limitam unicamente na União-Soviética. Numerosos são os países que se apressam a seguir o exemplo.

A Grã-Bretanha começa a sua maior campanha contra o fumo do tabaco. Uma informação publicada pelo Ministério da Educação e Saúde, e da qual foi extraído o texto que segue, mostra que, na Inglaterra, o ensino das verdades tornasse tão necessário, em cada lar, como o ensino do inglês:

«Cada vez que você aspira o fumo de um cigarro, depositam-se-lhe nos pulmões partículas pequenínissimas de nicotina, assim como de outras substâncias químicas. Essas partículas formam gradualmente um alcatrão oleoso que lhe irrita os pulmões até lhes infectar e bloquear com escarro e pus...»

Não nos surpreende que os fumadores, tussam, tenham uma respiração curta e dificultosa e estejam sujeitos a apanhar doenças incuráveis.

Há no Reino Unido, cerca de 22 milhões de fumadores. Desde 1962, o número permanece quase constante apesar das primeiras campanhas. Enquanto que nos Estados- Unidos, a estabilidade do mercado declina. Em conformidade com o mais recente inventário americano, estabelecido pelo Centro Nacional de Estatísticas sobre a saúde, entre 1966 e 1968, o número de fumadores adultos que deixaram o tabaco é de 5% e de 7,5% o número de jovens fumadores, entre 14 e 17 anos. As campanhas americanas têm sido mais eficazes.

A indiferença dos fumadores britânicos não é de admirar, porque enquanto as companhias de tabaco dispõem de 12 milhões de libras (804 000 000\$00) anuais para incitar a gente a fumar, o Governo gasta apenas 100 000 libras (6 000 000\$00), menos de um por cento daquela soma, para persuadir o povo a abandonar o tabaco. Por outro lado, o Governo não está, de maneira nenhuma, disposto a tomar medidas severas contra os fumadores. Não por a Inglaterra ser um país livre onde as pessoas podem aumentar o risco de apanhar o cancro nos pulmões, se o desejam. Nem porque não haja provas absolutas de que o fumo do tabaco causa o cancro nos pulmões, para o Governo ter direito de reagir contra isso. Mas porque os impostos que as companhias de tabaco pagam ao Estado pagam quantias enormes.

A droga, da qual ainda se fala pouco, é pior que a morfina ou a peçonha. Dizem os médicos que o cancro, enquanto localizado e a tempo tem remédio, mas quando generalizado, não há nada a fazer. É precisamente isto o que acontece no seio da sociedade inglesa, a droga tornou-se uma espécie de cancro ramificado, contra o qual não há remédio.

No bairro de Soho, a praça Ficcadilly Circus, considerada o coração de Londres, oferece-nos o mais degradante, vergonhoso, escandaloso e repugnante quadro da decadência da espécie humana para a podridão. É no centro da praça, debaixo de uma atmosfera pestiferante de Maria Joana e Haschich, que centenas de jovens, de idade e género confundíveis, barba e cabelos compridos, descalços e sujos, se amontoam à volta de uma massa gigantesca de bronze, se sentam nos degraus do escadario circular do monumento, se estendem no chão, voltam os olhos ao céu e contemplam passivamente o infinito ou saboreiam, até ao êxtase, os falsos paraísos artificiais que os efeitos exuberantes da inoculação de uma droga líquida lhes oferece. E, quando a droga perde parte da sua intensidade ou deixa de produzir efeito, descem ao subsolo, fecham-se nas «toilets» e zás, mais um furo na pele, mais uma seringada e mais um nojento tubo vazio a rolar pelo chão. E é vê-los quando a provisão de estupefacientes se lhes esgota! Empalidecem, embranquecem, tremem, os músculos paralizam-lhes, põem-se de cócoras, enrolam-se no chão, perdem a consciência e ali ficam, num estado letárgico, vizinho da morte, até que a polícia passe e chame a ambulância para os reconduzir ao hospital.

É um horror! Nos animais, o bicho transforma-se em borboleta. No homem dá-se precisamente o fenómeno contrário, é a borboleta que se torna bicho.

## De Chaviões

**Mês de Maria** — Com regular assistência de fiéis decorreu na igreja paroquial desta freguesia, o mês de Maria

**Fontenários da Portela** — Embora já seja do conhecimento geral, não podemos deixar de manifestar o nosso regosiojo pela ligação da água aos fontenários.

**Missão de soberania** — No desempenho desta missão, encontra-se na Província da Guiné o nosso amigo e confrãneo sr. José Narciso Esteves, do lugar da Portela, a quem desejamos as maiores felicidades.

**Vindos de França** — Encontram-se entre nós e no convívio dos seus familiares, os srs. Venâncio Pinto e esposa e Manuel António Fernandes, respectivamente, do lugar da Igreja e Barraço.

**Necrologia** — A fim de assistir ao funeral de sua mãe, sr.ª D. Francisca Palma Pacheco Castilho, deslocou-se ao Algarve e sr.ª professora D. Maria José Palma Pacheco Castilho Reinales, casada com o nosso amigo e confrãneo sr. Luis António Fernandes Reinales.

A saudosa extinta, que contava 64 anos, desfrutava de gerais simpatias pelo seu agradável trato e grande bondade, era natural de Beja.

Deixa viúvo o sr. José Pacheco Castilho, comerciante e industrial em Albufeira. Era mãe das sr.ªs Dr.ª D. Francisca Maria Castilho Pacheco França de Oliveira, casada com o sr. António Alberto Pimenta França de Oliveira, D. Maria Pacheco Castilho Sabina, casada com o sr. dr. António dos Santos Sabina, Subsecretário de Estado do Tesouro; D. Maria Virginia Pacheco Castilho Pires Palma, professora primária, casada com o sr. Napoleão Manuel Pires Palma, e do sr. José António Pacheco Castilho, comerciante.

A súbita morte da sr.ª D. Francisca Palma Pacheco Castilho, foi geralmente sentida, inclusivamente nesta freguesia onde era pessoa conhecida e estimada.

O seu funeral, que se realizou para o cemitério de Albufeira, constituiu uma sentida manifestação de pesar. Nele se incorporaram todas as autoridades do concelho e de muitos pontos do Algarve e de numerosas pessoas de todas as categorias sociais.

Que o Senhor tenha a sua alma no eterno descanso.

A toda a família enlutada, e em especial à sr.ª D. Maria José Palma Castilho Reinales, a expressão das nossas condolências. — C.

## MAIS PRÉMIOS GRANDES

distribuídos pela

# CASA DA SORTE

Em 29-5-970:

2.º PRÉMIO — 20334 — 420 CONTOS

Em 5-6-970:

SORTE GRANDE — 1374  
6.000 CONTOS

\*

Também nos últimos concursos do TOTOBOLA, graças aos seus consagrados sistemas ucranianos e aos já famosos «estudos-palpite», a CASA DA SORTE registou entre os seus clientes numerosos primeiros e segundos prémios.

# CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MILIONÁRIOS  
na LOTARIA e no TOTOBOLA

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

## De Rouças CASAMENTO ELEGANTE

**Falecimentos** — Foi hoje a enterrar, a Senhora Rosa Soares (Cerqueira) de Sobral de Cima, que faleceu repentinamente ante-ontem. O seu funeral foi muito concorrido.

— Também faleceu há dias, o sr. Manuel Alves, de Cabreiros, e o sr. Bento Alves, da Ponte de Cabreiros.

Os seus funerais foram também muito concorridos e a todos os amigos, pedimos preces pelas suas almas.

**Visitas** — Chegou há dias, ao Peso, vindo do Brasil, acompanhado de sua Esposa, o sr. Augusto Esteves, dos Carvalhos, que aqui vem passar uma temporada. O nosso abraço de boas-vindas.

— Também é esperado por estes dias em Corções, o sr. Albano Pereira, genro do sr. Teodorico, que vem acompanhado de sua Esposa. Que tenham boa viagem e aqui descansem das suas lides de África, alguns meses.

— No lugar do Porto, faleceu a sr.ª Teresa Magana, sendo o funeral muito concorrido. Paz à sua alma.

Na Igreja de S. Jerónimo de Vilarinho dos Galegos, do concelho de Mogadouro, da progressiva e fértil província vizinha de Trás-os-Montes, perante muitos convidados e amigos, alguns do nosso concelho, realizou-se com a maior solenidade, no passado dia 17 de Maio, o enlace matrimonial da prezada menina, Professora Maria Fernanda da Conceição Garrido da Silva, filha do sr. Luís Manuel da Silva, abastado proprietário, e da sr.ª D. Olímpia Augusta da Conceição Garrido, daquela localidade, com o nosso ilustre confrãneo, sr. Tenente Abílio Francisco Conde, Dig.º Comandante da Secção da Guarda Fiscal, em Mogadouro, filho do sr. Miguel Conde, conceituado comerciante nas «Águas de Melgaço», e da sr.ª D. Ana de Jesus Esteves.

Foram padrinhos por parte da noiva, o sr. Dr. António Maria Pereira e Ex.ª esposa e por parte do noivo, o sr. Eng. Augusto Swartenbrooks, Dig.º Director da Sapca, e Ex.ª esposa.

Foi celebrante o Rev. sr. P.º António Nogueira Afonso, estimado Pároco daquele concelho, que no acto dirigiu aos noivos uma tocante alocução.

Após as cerimónias religiosas, foi servido, na Pousada de S.ta Catarina, da vizinha Cidade de Miranda do Douro, um opíparo almoço aos inúmeros convidados.

Aos brindes usaram da palavra os srs.: Dr. Serafim Soares Douel, Rev.º P.º António Nogueira Afonso e Dr. António Maria Pereira, que enalteceram as qualidades dos nubentes.

As prendas ascendem a mais de 70.000\$00.

O gentil casal seguiu em viagem de núpcias para o sul do País.

Desejamos-lhe uma perene lua de mel e as maiores felicidades no seu lar.

## Agência de Viagens "RUMO,,

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEPHONE, 42278 — MELGAÇO

## MELGACENSE!

SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA

no acreditado Restaurante "Snak-Bar,, Tampico

Travessa da Queimada  
Bairro Alto — LISBOA

Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.ª

# Carta da França O Parque da Peneda-Gerez

(Continuação da 1.ª página)

vale dizer que somos pobres e pequenos. Há países mais pobres e pequenos do que nós e com um nível de vida igual ou superior aos considerados países adiantados. Sabemos muito bem que a Agricultura tem de ocupar muito menos gente e tem de ser mecanizada e modernizada quanto aos processos de produção e culturas apropriadas às necessidades. Mas isto exige uma profunda mentalização de toda a população e uma actividade intensa dos organismos responsáveis pelo Governo, actividade que supere certos egoísmos monstros que tentam impedir o progresso do País em nome de supostos ideais que só os outros devem realizar.

Claro que todo este processo de desenvolvimento tará também os seus pontos desagradáveis, mas, como em tudo, fazemos parte da mecânica de crescimento. Temos que aceitá-los com a devida compreensão. Temos sobretudo que mentalizar a nossa gente e ajudá-la a formular o seu pensamento dentro destas directrizes para que, quando chegar o desagradável se saibam comportar dignamente.

Fechar os olhos à realidade não é remédio para ninguém. O conhecer o que os outros pensam de nós é um primeiro passo para uma reforma que se imponha. Hoje todos sabem como no mundo ocidental se fala contra nós e como se nos atribuem muitos defeitos que, de facto existem. Alguns pretendem responder simplisticamente dizendo que nós vivemos em paz e com ordem. Ignoram talvez as condições em que se tem de fazer a emigração... quantas lágrimas antes e ainda hoje na maioria de todos os emigrantes... Será isso viver em paz?... Quantos que não encontram dinheiro para levar uma vida decente... Também nós defendemos grandes ideais à custa de sangue e não nos iludamos pois que o ideal de um País verdadeiramente civilizado e capaz de dar aos seus filhos verdadeiras condições de vida humana só se atingirá com muito suor, sangue e lágrimas. Nada de ilusões, mas nada também de querer tapar os olhos aos outros com o que, de facto, não existe, a não ser em aparência.

Temos progredido muito, mas temos ainda, com mais violência, de lutar por muito maior progresso. Na nossa terra em concreto, todos os esforços não são demais para garantirmos, antes de mais, uma estrada a todas as freguesias, luz para todos, uma escola preparatória que possibilite o estudo de todos e, por que não, uma escola industrial que permita a preparação da rapaziada que deve seguir nesse sentido... e um hospital onde pudesse haver as normais operações de cirurgia sem necessidade de ir para longe da família e de ter que pagar mais; uma corporação dos Bombeiros verdadeiramente apetrechada e eficiente, etc.. Mas tudo isto quer uma profunda devoção e unidade da nossa parte, pois só na consciência bem formada da necessidade de todas estas coisas e na vontade de cooperar generosamente se podem levar avante as realizações de que necessitamos.

E não esqueçamos de pedir um estudo aprofundado das nossas possibilidades para instalação de qualquer ramo de indústria. Penso não ser pura utopia.

No meu modesto modo de entender, creio que este é o único meio de resolver o problema da emigração que a nós tanto nos afflige. Palavras bonitas leva-as o vento.

(Continuação da 1.ª página)

de serviços a pessoas em desencano, aos cientistas, aos cultores do belo selvagem que se pretendem embrenhar e contemplar os magníficos panoramas que as nossas serras oferecem, será forçosamente dolorosa e difícil. Aceitá-la, terão capacidade para a compreender? Com todas as dúvidas que tenho a esse respeito, e que teimam em persistir, creio contudo ser possível e talvez em melhores condições do que possa parecer. Mas há-de depender, esse processo de reconversão, na harmonia da sua realização, dos homens que a ele se dedicaram.

E a mentalização destes será de capital importância e para ela desde já me permito chamar a atenção do Governo, como condição fundamental do processo.

A protecção da Natureza, a criação de amplos espaços destinados à libertação do homem da vida complexa a que está sujeito e que o acorrenta e esmaça, a erosão das serras e dos montes não deve justificar, nem produzir, uma forte erosão nas almas. E recordo, sem precisar palavras nem ideias, uma conferência luminosa do Professor do Instituto Superior de Agronomia e deputado numa das primeiras legislaturas, António Sousa da Câmara.

Mas dos homens dependerá que isso não se verifique, para além daquele mínimo que é possível ser exigido, quando se procura trazer os povos da serra, respeitando-os, ao contacto com novas formas de convívio e relações sociais.

E neste campo tudo poderá ser feito com um aberto espírito de compreensão, condes-

centência, autoridade sem autoritarismos. O receio é dos mandões que em nome da autoridade, ou da liberdade, se arvoram em opressores e que qual «vilão com a vara na mão» são causa de tantos aborrecimentos e geradores de escusados conflitos.

(Continua no próximo número)

## De PENSO

**Aniversário** — Completou mais um aniversário o jornal «A Voz de Melgaço».

Ao seu ilustre Director e Administrador, assim como ao seu Chefe da Redacção e Editor, dois dos mais ilustres melgacenses da actualidade, felicitamos e desejamos vida prolongada e abençoada para bem de «A Voz» e de Melgaço.

**Falecimento** — No passado dia 30 e após prolongado sofrimento, faleceu no lugar das Lages, a sr.ª Beatriz Gonçalves, casada com o sr. Belmiro Bernardes. A extinta, de 59 anos, era muito trabalhadeira e angariadora. Deixa na maior dor seu marido assim como seus filhos Fernando, José, em França, e António entretado há muito tempo e a quem a mãe vai fazer muita falta.

A família em luto, apresentamos as nossas condolências.

**Visita** — De visita, esteve entre nós e na sua casa da Telhada, o sr. Manuel Pires (Berdelha), que já regressou a capital.

**O tempo e a agricultura** — Depois do muito calor que se fez sentir na última quinzena, voltou um tempo mais fresco e pouco bom para o vinho. Os centeios e os batatais estão bons assim como os milhos. Só é pena que muitos campos fiquem por cultivar.

**Penso e o progresso** — Penso também tem acompanhado o progresso que a todos os povos do Mundo tem chegado.

Assim, nós temos tudo o que se tem nas grandes cidades: água, electricidade, rádio, televisão, frigoríficos, telefones, casas modernas construídas com todas as comodidades necessárias, etc. Só é pena que nem todos os habitantes tenham possibilidades financeiras para ter todos estes melhoramentos. Bem hajam, pois, todos aqueles que contribuíram para a electrificação desta freguesia, pois foi a electricidade a maior alavanca deste progresso. — C.

**Dr. Oliveiros Rodrigues**  
 ADVOGADO  
 Largo Hermenegildo Solheiro  
 MELGAÇO

estas palavras do Bispo, encheram-se de ânimo e recomeçaram os trabalhos. Deus abençoou-os de tal maneira, que não só voltaram à Igreja os que a tinham abandonado, mas ainda outras tribos pediram para ser admitidas na religião de Jesus Cristo.

O Bispo sentindo em pouco a morte chegar, para ela se preparou com todo o fervor, morrendo em 1139 com a idade de 70 anos.

*Irmã Maria dos Anjos*

## Transferência

Após dois anos a comandar o posto da Guarda Nacional Republicana, desta Vila, com muito zelo e competência, foi transferido a seu pedido e colocado no posto de Parada — Bragança, o sr. João Baptista Esteves, r.º Cabo da G.N.R..

Na sua despedida, foi-lhe oferecido no conceituado «Café Estrela», desta Vila, um requintado jantar, que foi patrocinado pelo nosso correspondente da Vila, sr. Alfredo Lourenço do Paço e pelo gerente do mesmo café, sr. Joaquim Temporão Simões, a que assistiram muitos amigos e admiradores. Alguns comerciantes da nossa praça, por não poderem fazer parte, ofereceram várias lembranças.

Aos brindes, usaram da palavra os srs. José António Lourenço, proprietário do referido café, Miguel Henrique G. Pereira, comerciante, Fernando da Rocha (motorista) e o nosso assíduo correspondente da Vila, que puseram em relevo as boas qualidades do homenageado, o qual, no final, agradeceu a presença de todos e a festa que lhe promoveram.

Ao sr. Cabo Esteves, que em todos os Melgacenses deixa viva saudade, pois que este nosso amigo gozava da geral estima, pela rectidão e espírito de justiça, aguramos a soma de felicidade a que tem jus.

P. R.

## Novo Comandante da G. N. R.

(Continuação da 2.ª página)

também o posto de Melgaço, há muitos anos e ainda o de Monção, onde foi aposentado.

Ao sr. Alfredo da Costa, que pela primeira vez presta serviço na nossa terra, desejamos as maiores facilidades no desempenho do seu espinhoso cargo.

P. R.

## Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

Padre Justino, da vila, 10\$; da sr.ª Alice Carpinteiro, 50\$; da sr.ª Rosalina Ribeiro, de Prado, 20\$; da sr.ª Maria Rosa Afonso, do Sobral, 20\$; do sr. Henrique José Dias, de Prado, 50\$; da sr.ª D. Alzira Monteiro Ribeiro, do Peso, 20\$; do sr. Augusto Seixo, de S. Gregório, 20\$; do sr. José Albano, de Castro Laboreiro, 100\$; do sr. António Lurdes, de Cevide, 100\$; da sr.ª D. Julieta da Conceição Nôvoas, da Rua do Faial — Foz do Douro, 60\$; da sr.ª Professora D. Maria Alberta, de Rouças, 250\$; da sr.ª Sara Fernandes, da Freira, 40\$; da sr.ª Rosa Figueiredo, da Carpinteira, 5\$; da sr.ª Ludovina Cardoso, da Aldeia, 20\$; da sr.ª Rosa Fernandes, 20\$; do sr. Manuel Fernandes, da Costinha, 50\$; da sr.ª Rosa de Jesus Figueiredo, mais 20\$.

Pois graças a Deus. Os artistas continuam a trabalhar na nova casa e Deus nos ajude a inaugurá-la brevemente. Parece-me que teremos feito uma grande obra para o Senhor, nos Seus Pobres. A casa terá capacidade para agasalhar cerca de 100 pobres.

A todos muito obrigado, o

**PADRE CARLOS**

## A pesca no Rio Minho

(Continuação da 1.ª página)

Achamos aconselhável a construção de uma vedação entre as duas margens, à montante da pesqueira n.º 542, «Cuba 3.ª», que fica situada a juzante da foz do Rio Trancoso, em cuja albufeira se cria um viveiro, onde as espécies fariam a sua desova, visto o que se observa presentemente no poço que fica logo a juzante da barragem de Cevide, já na parte espanhola, no qual se pescam, em grande quantidade, as espécies que ali são obrigadas a acumular-se por a situação da barragem não dispôr de rampas de acesso.

Construída tal vedação, era de absoluta necessidade a acção da fiscalização de ambos os países no sentido de reprimir o uso de qualquer aparelho de pesca, especialmente no defeso, como já existe no poço do Crasto, na margem portuguesa, em Lapela, em cujo poço abundam, em elevado número, salmões e trutas.

M. S.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

## O Santo da quinzena

(Continuação da 1.ª página)

meado Bispo, embora muito contra a sua vontade.

Um dos maiores cuidados foi aproximar o imperador do Papa e fazer terminar a luta entre esses dois poderes, temporal e espiritual. Com tanta habilidade soube agir, que não desmereceu a estima do soberano.

Além de muitas igrejas, construiu vinte e um conventos. Perguntado uma vez porque fazia tantos mosteiros, respondeu: «Os conventos são a defesa da inocência, o abrigo da penitência, o refúgio dos pobres, doentes e necessitados».

Era admirável o amor que tinha aos pobres. Quanto mais dava aos desprotegidos de fortuna, tanto mais lhe cresciam os recursos. Houve quem censurasse esta sua caridade, porém ele respondeu: «Os bens do Bispo, são esmolas dos fiéis; não convém, portanto, que os gastemos inutilmente».

De Boleslau, duque da Polónia, filho de Judit, recebeu convite para pregar o Evangelho aos Pomeranos, povo que ele acabara de subjugar pelas armas. Otão requereu do Papa licença para aceitar tão sub-

lime missão e, acompanhado de muitos clérigos, pôs-se a caminho para a Pomerânia. Só Deus sabia quantos trabalhos os missionários tiveram, no meio de um povo bárbaro, pagão e supersticioso. Mais de uma vez os sacerdotes idólatras tramaram contra a vida do Bispo e dos seus auxiliares. Deus protegeu-os e tanto lhes abençoou as fadigas e sacrifícios que quase a Pomerânia inteira se curvou sob o doce jugo de Jesus Cristo, e voltou mais tarde para a sua Diocese.

Tempos depois, veio-lhe a noticia de diversas cidades terem abandonado o Cristianismo, entregando-se de novo às superstições pagãs. Pela segunda vez foi então à Pomerânia; mas as dificuldades e a pertinácia dos renegados foram tais, que os companheiros de Otão quiseram entregar-se ao desânimo. O Bispo, porém, exortou-os com estas palavras: «Não viemos aqui procurar o nosso bem-estar! Pensastes que nenhuma dificuldade deveria atravessar o nosso caminho? Quem não tiver a coragem de me acompanhar, pelo menos não embarce os meus passos».

Os missionários, ouvindo



## Mais uma alma a caminho do Mundo Novo

Foi no pretérito dia 13 de Maio, enquanto milhares de peregrinos, devotos da Virgem aparecida em Fátima, regressavam a suas casas fisicamente extenuados pelas exigências de uma devoção mariana que não conhece distâncias, agruras de caminhos, chuva, frio, temporais ou quaisquer outras contrariedades, uma alma santa, humilde, simples e muito devota de Nossa Senhora é por Ela levada, no seu dia, para o Mundo Novo.

Essa alma era a sr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Esteves.

Mãe das sr.<sup>as</sup> D. Rosa da Purificação Vergara e D. Amélia Vergara, esposas respectivamente dos srs. João Baptista Vaz e Manuel Couso e avó dos srs. Padres Carlos Nuno Salgado Vaz e Júlio Nepomuceno Vaz, da sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário Vaz, dos universitários António Luis Vaz e Manuel Luis Vaz e da menina Maria Amélia Couso.

Foi a notícia que correu toda a freguesia de Rouças e se expandiu a todo o concelho de Melgaço e várias povoações extra concelhias.

Quando chegou aos nossos ouvidos, duvidámos por uns momentos, quisemos não acreditar, mas... a notícia era mesmo verdadeira, tivemos de nos convencer.

Um profundo sentimento de saudade para com aquela grande amiga se apossou do nosso coração, enquanto duas teimosas lágrimas inocentes acompanhavam uma prece ardente e fervorosa ao Senhor da vida e da morte pelo eterno repouso da sua alma.

Por conhecimento pessoal, pela profunda amizade que nos unia, pelos contactos amistosos e frequentes com a sua família, sabíamos bem da sua santidade e das suas virtudes, especialmente da sua humildade, caridade, integridade de carácter, desprendimento, espírito de oração, sentido cristão do trabalho, preocupação pelo perfeito cumprimento do dever, confiança na providência divina, uma grande devoção a Nossa Senhora e um extremo amor à família.

Todas estas virtudes lhe granjearam uma multidão de amigos dedicados, como o demonstrou o número invulgar dos que compareceram a fazer-lhe companhia nos últimos momentos de estadia em casa e, no percurso até à última morada, apesar da chuva que, inclemente, sobre todos caía sem um momento de descanso, tornando mesmo os caminhos intransitáveis.

De notar e emitir o grande amor à família. Como dela se orgulhava, com que emo-

ção falava das filhas e dos netos!

É reconfortante, nos contactos com a família recordar as suas últimas conversas. No meio de tanto sofrimento, nunca se lhe viu uma lágrima, nunca se lhe ouviu um queixume.

Como ela esperava serena e calma a hora da partida, a chegada da morte que se aproximava a passos incontíveis de gigante enfurecido!

Era a vontade do Senhor... Partia satisfeita com os frutos que deixava e que o Senhor abençoara... la para onde melhor podia ajudar a família e onde não precisava de medalhas milagrosas.

A tranquilidade, fruto da fé e de uma vida santa, lia-se-lhe no rosto sorridente.

Na posse destes conhecimentos, fácil foi imaginar a dor dilacerante da sua dedicada família, dos seus queridos netos. E nenhum faltou a acompanhá-la à última morada, mesmo sendo preciso vir de Roma!

Edificou-nos, grandemente, a coragem, a fé, o sentido cristão com que toda a família encarou a separação temporária da sua querida mãe, da sua extremosa avó.

Os olhos da inteligência iluminados pela fé souberam ver o que naquele momento seria melhor para a saudosa extinta. Então o sentimento justo e humano da dor foi aliviado e deu lugar à vontade movida pela fé.

Por isso, vimos toda a família incorporada no féretro, participando nos actos litúrgicos e acompanhando-a até à sepultura.

Os seus dois netos padres presidiram à celebração na qual participaram também os seus tíos e um sacerdote muito amigo da família, o sr. Padre José Marques, de Lobão. Esta celebração, e os restantes actos do culto, foram muito valorizados pelo contributo de vários srs. Padres amigos, que, apesar das dificuldades, compareceram em grande número evidenciando bem a sua amizade.

Toda a liturgia foi, realmente, uma apoteose da ressurreição, um enraizamento da certeza de que para um cristão não há morte: a vida apenas se transforma.

Todos dali saíram mais confortados e com mais força para amanhã enfrentarmos situações idênticas.

Uma grande lição para a nossa vida: não há dor alguma, física ou moral, que não possa ser suportada pelo força invencível da fé.

E agora, como prova de amizade para com a extinta, em sinal de gratidão à família pelo exemplo que nos proporcionou e manifestando comunhão de sentimentos, eu peço a todos os seus amigos uma oração fervorosa pelo eterno repouso da sua alma.

Recebi-a, Senhor, na luz da vossa glória, onde também nós esperamos ser recebidos.

**Dr. Luís Domingues**  
CLÍNICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º  
Tel. 29415 **PORTO**

## Por Chaviões e rio Minho

### As praias da nossa terra

Com a chegada do verão, começam grupos de rapazes e raparigas a frequentar a praia do Louridal, formada pelas águas do rio Minho.

Refrescam-se nas suas águas que são compostas com as medicinais águas das seguintes nascentes: sulfurosas de Seclinhos (ou Secrinhos) Espanha, que brotam frente à quinta do Louridal, propriedade da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Alves; as sulfurosas da Cortegada (estas em exploração); as caldas do Pessegueiro (ou Pessegueiro), no lugar do mesmo nome e que também são exploradas para banhos pelos habitantes do referido lugar; as Caldas ou Burgos na cidade de Orense; as que haverá no próprio leito do rio, que se não vêem, e as que devem existir desde o Louridal até à foz.

Portanto, as águas do rio Minho são, em parte, medicinais.

De facto, dá gosto ver os nadadores em caprichosos saltos no rio, e nadar em estilo suave, mas que se torna difícil e perigoso para quem nada sabe.

Já há bastantes anos atrás que nesta época do verão os rapazes ali se dirigiam para refrescarem o seu corpo dos calores do Sol. Quando já tarde e ao estômago apetecia algo de reconfortante iam lanchar. Pediam ao guarda da fronteira para os deixar ir à tenda (estabelecimento), saborear alguma coisa. O guarda autorizava, porque bem sabia que não iam emigrar.

Alegres e satisfeitos, lá voltavam eles, oferecendo ao guarda do que traziam e que com bons modos agradecia, mas não aceitava.

Que bom tempo aquele e que ainda hoje podia ser.

Chegados à margem, já eram com alegria e ansiedade esperados pelas namoradas, outras futuras esposas, que lhes dirigiam gracejos, com sorrisos de mistura.

Tudo se preparava para lanchar.

Logo o mais desembaraçado dizia: — O rapazes, vamos para aqui, que boa sombra, que bem aqui se está neste relvado macio e fresquinho e temos aqui uma taberna para bebermos à vontade e a taberneira não está cá, mas nós somos o sentido na cor e escorrega como o outro.

Hoje não pode ser assim, mas temos que andar ao par do tempo. Sabemos muito bem que as vantagens doutro tempo de nada nos serve; é questão de nos prevenirmos, como eu tenho apreciado.

E assim que se passa um fim de semana: Água e um banho sadio, ar puro e sombras belamente acolhedoras. — (Particular) O. M..

**MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO**  
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO

Assine e Anuncie na  
«A VOZ DE MELGAÇO»

## “Conheça Melgaço,,

VIII

### Cubalhão

Freguesia do Minho. Pertence à comarca de Monção e concelho de Valadaires até 1855 e desde então, à comarca e concelho de Melgaço. Situa-se na encosta sobranceira ao rio Mouro. Dista 60 quilómetros a NO de Braga e 360 ao norte de Lisboa. Pertence à primeira Região Militar. Antes da criação das regiões militares pertenceu à 3.ª divisão. A antiga freguesia de Nossa Senhora da Natividade de Cubalhão era curada da apresentação do Convento de Paderne e passou a vigairaria. Foi Couto de Paderne, cujo prior apresentava o cura anual. Há vestígios de fortalezas romanas ou dos antigos lusitanos, principalmente no monte denominado Crasto. O seu actual orago é o mesmo ou seja Nossa Senhora da Natividade, cuja festa se faz no dia 8 de Setembro. Em 1839, aparece-nos na comarca de Monção, em 1862 na de Melgaço e em 1878 no julgado de Paderne. Por aqui passava o caminho para Lamas de Mouro,

Castro Laboreiro, Couso e Parada do Monte, distante dois quilómetros do rio Mouro. Dista 10,2 km a SSO de Melgaço pelo caminho municipal; 101 km ao ENE de Viana do Castelo; 13,1 km ao SSO de Fiães; 6,2 km a NNE da Gave; a 5,6 km ao E de Lamas de Mouro; a 16,2 a SSO de Paços; a 7,3 km ao SSE de Paderne; a 3,8 km ao SSE de Penso; a 9,8 km a SSE de Prado; a 12,4 km de Remoães; a 9 km ao S de Rouças; a 6 km a SSE de S. Paio de Melgaço.

É composta pelos lugares de Cortelhas, Cubalhão de Baixo, Cubalhão de Cima, Além, Lugar de Baixo, Lugar de Cima e Urjaz. Tem cerca de 200 prédios e 170 fogos.

Os seus habitantes aproximam-se das duas centenas. Produz milho, centeio, batata e tem boas madeiras e feno.

O clima é muito frio no Inverno e quentíssimo no Verão. Precisa de ser electrificada. A sua juventude emigra para França, onde vai buscar dinheiro para construir novas e bonitas casas que se avistam por todos os lados.

(Continua)

**Vinho do Porto BARROS**

De todos  De todos

0  0

mais saboroso  mais preferido

**Lágrima Christi BARROS**

em França o mais apreciado

## ELECTRO LAR, L.<sup>DA</sup>

ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS  
ELECTRO DOMÉSTICOS

RÁDIOS \* TELEVISORES \* FRIGORÍFICOS \* MÁQUINAS DE COSINHA \* MÁQUINAS DE LAVAR  
MÁQUINAS DE BARBEAR \* FERROS DE ENGOMAR  
ASPIRADORES \* GIRA-DISCOS \* VENTILADORES  
PANELAS DE PRESSÃO \* ETC.

AGENTES OFICIAIS:

**FHILCO — A. E. G. TELEFUNKEN**

e também AGENTE OFICIAL da famosa marca japonesa

**NATIONAL**

Encarrega-se de instalações eléctricas, com orçamentos grátis

Em frente ao Hospital — Telef. 42231 — MELGAÇO

## MANCOZAN

Pó molhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o míldio e maior produção.

Agente distribuidor:

*Miguel H. G. Pereira*

Rua da Calçada

Telef. 42212

MELGAÇO

## Foto CALDAS

TELEFONE, 42220  
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

# Ainda "o caso das águas de Chaviães,"

O Sr. Dr. Abel Vaz «botou» um longo arrazoado, a respeito do já célebre «Caso das Águas de Chaviães», no seu jornal *audaz* — o «Notícias de Melgaço» — de 27 de Maio último.

O crítico imparcial diria: «muita parra e pouca uva». Estou de acordo.

Diz o Sr. A. V. que, a água das 5 nascentes, que abasteceu os fontanários de Chaviães, é pública. Não é verdade.

Digo porque, e resumidamente:

1.º — Porque a dita água está na posse pacífica dos consortes da Levada da Candosa desde tempos imemoriais;

2.º — Porque foi a junta da freguesia de Chaviães que, quando pediu o melhoramento da Levada, a indicou para ser canalizada;

3.º — Porque a junta, em defesa dos direitos dos consortes, aplicou multas a várias pessoas que desviaram, abusivamente, a referida água, ou parte dela;

4.º — Porque a junta reservou, a favor dos consortes da Levada, as cinco nascentes, aquando da submissão dos montes baldios, onde nasceu, aos Serviços Florestais;

5.º — Porque só agora, depois do corte do abastecimento da água aos fontanários, é que se levantou o problema de que são públicos;

6.º — Porque no local das nascentes, há vestígios de obras que remontam a tempos antigüíssimos: Assim na de Cátaro, a n.º 1, há uma vala aberta para a Levada; na n.º 2, há vestígios de uma poça e rego; na n.º 3, também há vestígios de rego e de uma poça; na n.º 4, há vestígios de rego e de uma mina e, finalmente, na nascente n.º 5, há vestígios de rego e nos vestígios da poça, ainda se encontra a pedra com o «olheiro».

Não falo de ouvido. Fui ao sítio das nascentes e verifiquei o que fica dito.

Vou ainda oferecer ao meu illustre adversário, — sua licenciatura, com a devida vénia — a transcrição do n.º 4, do artigo 2.º do Decreto n.º 5787 — IIII, que diz:

«Art.º 2.º — São do domínio particular:

4.º — Os poços, galerias, canais, levadas, aquedutos reservados e demais obras construídas por pessoas singulares ou colectivas para captação, derivação, ou armazenamento das águas públicas ou particulares no interesse da agricultura ou da industria».

Para chegar aqui é escusado ir a Coimbra ou mesmo consultar qualquer advogado.

O Sr. Dr. Abel esqueceu-se que na lei das águas há mais artigos do que aqueles que citou!...

Está provado que não sou eu quem mais necessita consultar um bom advogado!

Conclusão:  
Os «vândalos» não são vândalos, já o disse e repito-o.

«Destemidos», isso sim, porque, mesmo perante as

armas, defenderam, pacificamente, ordeiramente e tenazmente, o que lhes pertence. Usam de um direito.

Pelo exposto, pergunto:

**Podará, qualquer entidade, ceder, gratuitamente, a água das nascentes, propriedade dos consortes da Levada da Candosa, sem o assentimento destes?**

O Presidente da Câmara, que a pedido do sr. Governador Civil se deslocou ao monte baldio de Chaviães no dia marcado para a ligação da água das nascentes aos fontanários, coadjuvado pelo sr. capitão Maia da G.N.R., resolveu, pelo menos para já, o conflito.

A água está ligada: aceitou condições.

Que outra atitude poderia tomar sendo a água dos consortes?

Usar do direito da força? Esse tinha-o, pois estava lá a G.N.R. Era o que desejava um «pechebeque» que andava por lá a saracotear-se, mas não estamos em tempos disso.

Quem dá, dá o que quer, quanto e quando quer.

O acordo, se é que se lhe pode chamar acordo, não foi nenhum «milagre» do Presidente da Câmara, como diz o sr. dr. Abel.

Foi, isso sim, um acto de justiça e de bom senso. De bom senso, porque não recorreu ao direito da força, de justiça, porque reconheceu a força do direito.

Um grupo numeroso de consortes prometeu-lhe dar água para oito fontanários — o pedido inicial era só para cinco — e dois bebedouros.

Pouco? Muito?  
Quem pede não tem direito a fazer exigências. O Presidente da Câmara pediu.

A Câmara de Melgaço, muito antes de surgir este conflito de interesses, avisou superiormente, que era necessário resolver primeiro o problema da água. Não se fez caso da informação da Câmara. *Fez-se primeiro o moinho e, depois, é que se pensou na água para o mover, à maneira das de...*

Resultado?  
O que toda a gente vê e sabe.

A Câmara de Melgaço e a Junta da Freguesia de Chaviães nunca informaram que a água era pública, como alguém disse.

Diz o sr. A. V. no dito *audaz*: «Lisonjeia-nos e revigora-nos o ânimo, a que jamais faltou rizeja ou fé — se não lhe faltou rizeja para que precisa de revigoração? — a companhia... da Direcção Hidráulica do Douro... Melhor companhia não ousariamos desejar, nem poderíamos ter».

O sr. dr. Abel não estudou o assunto e, por isso, e só por isso, é que faz a afirmação transcrita.

O sr. dr. Abel faz má companhia à Direcção Hidráulica do Douro e a Direcção Hidráulica do Douro faz má companhia ao sr. dr. Abel!

# AO ESCOLHER O SEU BANCO

## SEJA EXIGENTE



SE NOS ESCOLHER E NÓS  
O TIVERMOS COMO CLIENTE,  
PODE SER TAMBÉM  
EXIGENTE CONNOSCO

## BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA

PORTO

POSTO DE CÂMBIOS EM MELGAÇO:

**Na Agência de Viagens «RUMO» - Telef. 42442**

## A G. N. R. e o Trânsito na Vila de Melgaço

Ambo mal acompanhados. Quem o havia de dizer!?... Pois é verdade!

O sr. dr. diz que a água das nascentes é pública; a Direcção Hidráulica do Douro, intervém, neste caso, porque a água é pertença dos consortes da Levada, pois, se fosse pública, estava fora do âmbito da sua jurisdição. Aqui há contradição; ora, onde há contradição, há má companhia.

Vê, sr. dr., em que camisa se meteu? E agora?

Diz ainda o sr. A. V. no citado jornal:

«Bem sabíamos nós que tais indivíduos tinham a protecção e apoio do sr. P.º António Rodrigues, irmão do Presidente da Câmara, que, em sua defesa, vem terçando armas nas colunas de «A Voz de Melgaço».

É verdade, quanto ao apoio. Sai em defesa dos «tais indivíduos» por amor à verdade e à justiça, e não tenho, nem sequer a promessa dum carro... de linhas.

Não estou só. Quem está do lado da verdade nunca está só. Tenho mais a boa companhia do Digno Agente do Ministério Público que mandou em paz os «destemidos» autores do levantamento dos canos do abastecimento da água a vários fontanários de Chaviães.

Que pena, o sr. dr. Abel não nos fazer companhia!!!

Estávamos todos de acordo, todos do lado da verdade! Assim... estou só com o Ministério Público.

Mostre que é homem de ânimo, a que jamais faltou rizeja ou fé, como diz o jornal citado.

O último Conselho de Ministros, deliberou confiar à corporação da G. N. R. as melindrosas funções de fiscalização das leis e regulamentos do Trânsito, a quais competiam à P. V. T..

Tal medida representa um voto de confiança e uma distinção, conferidos à briosa corporação, a quem o País já tanto deve.

A notícia, vinda a público através de todos os meios de informação, sugere-nos algumas considerações à cerca do trânsito nesta vila.

Como é do conhecimento público, uma comissão, para o efeito nomeada, elaborou um Regulamento — que foi aprovado e posto em execução — e a respectiva sinalização foi colocada nos locais próprios.

É natural que, tanto o Regulamento como a referida sinalização, não sejam obras perfeitas, e que careçam de correcção e de aperfeiçoamento.

Isto esteve sempre presente no pensamento da referida Comissão, e a seu tempo as coisas se irão modificando conforme as circunstâncias e o bem geral aconselharem.

Mas há um Regulamento e há a sinalização, que têm de

ser respeitados, doa a quem doer!...

Sabemos que nos princípios foram levantados alguns autos e que, mais ou menos, todas as pessoas entraram no bom caminho de respeitar e de cumprir.

Nos últimos tempos, porém, tem-nos dito, e temo-lo também verificado, que há pessoas que se dão ao gosto de transgredir, só para experimentarem até onde pode chegar a paciência ou a complacência da Autoridade...

E assim, estaciona-se em locais proibidos, circula-se de «marcha atrás» em arruamentos de sentido proibido, ocupam-se passeios com caixotes e artigos de venda, etc.

Não somos apologistas da multa, mas não toleramos que se abuse da Autoridade.

E, como membro da Comissão do Trânsito, não podemos consentir que se menospreze o trabalho que a mesma Comissão teve, e que não se tire benefício do dinheiro que a Câmara gastou na sinalização.

A G. N. R., agora com mais altas responsabilidades, terá de fazer cumprir!

É isso o que esperamos, para prestígio da Autoridade e para acautelar o bem comum.

Ascensão Afonso

Assine, Anuncie e Propague «A Voz de Melgaço»

A. Rodrigues